

ECONOMIA

Economia Brasil

AS APOSTAS NA VIRADA DO ANO

Bons ventos para 2004

Economistas apostam que ano que vem repetirá o êxito registrado em 2000

Editoria de Arte

Luciana Rodrigues

A dobradinha crise e recuperação, que tantas vezes se repetiu na economia brasileira nos últimos anos, deve ocorrer novamente em 2004. Depois de um ano de crescimento econômico pífio — a projeção é de uma alta no Produto Interno Bruto (PIB, soma das riquezas do país) de só 0,2% em 2003 — os economistas são unânimes em afirmar que, para 2004, o horizonte é de céu de brigadeiro. Muitos lembram que o desempenho deste biênio 2003-2004 será semelhante a 1999-2000: depois de uma crise cambial, o governo restaura a credibilidade, sobe juros para evitar a inflação e, num segundo momento, as taxas caem e a economia volta a crescer.

Com a vantagem de que, agora, o país parece ter completado seu ajuste nas contas externas. A previsão é de um saldo comercial positivo em US\$ 19 bilhões no ano que vem, contra um déficit de US\$ 690 milhões registrado em 2000. Os dólares das vendas externas, dizem os economistas, servem de blindagem anticrise. E os ventos que vêm de fora são favoráveis: há previsão de forte crescimento econômico nos EUA e de recuperação na Europa e Japão. Com isso, e frente a uma base de comparação muito fraca de 2003, será fácil a economia crescer 3,5% em 2004, prevêem os analistas.

— É impossível não ficar otimista com 2004. Desde 1996, não chegamos em dezembro com tantas precondições favoráveis para o ano seguinte — afirma o economista Antônio Licha, da UFRJ. — Resta saber se este impulso vai se manter em 2005 e 2006. Mas, para o ano que vem, não há dúvidas.

Expansão do PIB e melhora na renda

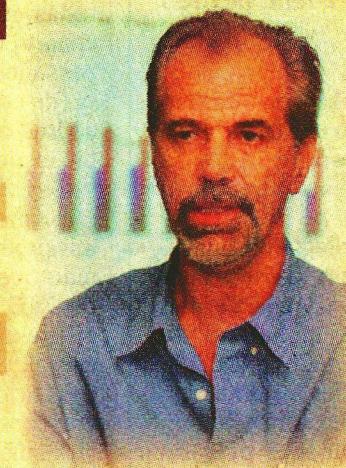
• Licha estima expansão do PIB de 3,5% em 2004. O crescimento já deu os primeiros passos este ano, diz o economista, lembrando que a venda de bens duráveis (eletrônicos e automóveis) cresceu em julho e agosto. Em outubro e novembro, acrescenta, houve aquecimento no setor de bens de capital (máquinas e equipamentos), com maior volume de importações.

No segundo semestre de 2004, acredita Licha, uma melhora na renda dos trabalhadores deve permitir

A comparação ano a ano

OS INDICADORES AO FIM DE 1999 E HOJE

	1999	2003
Crescimento do PIB	0,79%	0,25%*
Inflação	8,94%	9,18%*
Taxa de juros (Selic ao fim do ano)	19%	16,50%*
Risco-Brasil (em pontos centesimais)	636	485**
Saldo comercial	-US\$ 1,19 bilhões	US\$ 23,75 bilhões*
Investimentos estrangeiros diretos	US\$ 31,37 bilhões	US\$ 9 bilhões*
Dívida líquida do setor público (% do PIB)	48,68%	57,80%*



"No mercado de trabalho, a recuperação virá mais sob a forma de melhorar as vagas já existentes do que por um aumento da ocupação. O tamanho do bolo talvez não mude muito, mas sim a qualidade da massa"

Lauro Ramos, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)

COMO FOI EM 2000 E OS CENÁRIOS PARA 2004

	2000	2004
Crescimento do PIB	4,4%	3,5%*
Inflação	5,97%	6%*
Taxa de juros (Selic ao fim do ano)	15,75%	14%*
Saldo comercial	-US\$ 690 milhões	US\$ 19 bilhões
Investimentos estrangeiros diretos	US\$ 33,40 bilhões	US\$ 12 bilhões*
Dívida líquida do setor público (% do PIB)	48,78%	56%*



"É impossível não ficar otimista com 2004. Desde 1996, não chegamos em dezembro com tantas precondições favoráveis para o ano seguinte"

Antonio Licha, economista da UFRJ

*Mediana das projeções do mercado, segundo o Boletim Focus, do Banco Central, de 5 de dezembro.
**Em 16 de dezembro.

FONTE: Banco Central

a expansão do setor de bens não-duráveis (alimentos e vestuário, por exemplo). Ele só vê riscos no horizonte a partir do fim do ano que vem, quando a falta de investimentos das indústrias ou os gargalos no setor de infra-estrutura poderiam criar obstáculos ao crescimento.

As contas externas do país deixaram de ser o foco das preocu-

pações. O economista Andrei Spacov, do Unibanco, acredita que já faz parte do passado o enredo de expansão econômica que leva a aumento do déficit comercial, alta do dólar, inflação, juros mais altos e, finalmente, freio na atividade econômica.

— Assim como em 1999, o ano passado também foi de crise cambial. Mas, naquela ocasião, a re-

cuperação posterior foi abortada porque ainda havia restrição no balanço de pagamentos — lembra Spacov. — Agora a situação é diferente. Ao longo de 2002, fizemos um ajuste de US\$ 20 bilhões nas contas externas. Com isso, mudou a taxa de juros real de equilíbrio e criou-se um novo patamar de potencial de crescimento econômico.

Em 2001, o déficit nas trocas do Brasil com o exterior foi de US\$ 23,2 bilhões. Este ano, o país vai fechar com um superávit estimado em US\$ 2,7 bilhões. Baseado nesses números, Spacov acredita que o cenário é favorável não só para 2004 como também para os anos seguintes:

— O país passou por um ajuste estrutural que criou um horizonte melhor de mais longo prazo.

Previsão de empregos melhores

• Mas as expectativas otimistas para 2004 podem ser parcialmente frustradas no que diz respeito ao mercado de trabalho. O economista Lauro Ramos, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), lembra que, apesar da crise, em 2003 houve aumento de 3,5% nos postos de trabalho. Mas as vagas criadas foram, em sua maioria, de má qualidade e baixa remuneração. Ramos espera que, em 2004, haja postos de trabalho melhores.

— Os analistas podem se decepcionar com o mercado de trabalho em 2004 se olharem os indicadores errados. Parte dos efeitos esperados na criação de vagas pode vir escondida numa melhora das vagas já existentes. O tamanho do bolo talvez não mude muito, mas sim a qualidade da massa — explica Ramos.

O economista lembra que, para os trabalhadores, a situação é bem diversa da encontrada em 2000. Naquele ano, a renda do trabalhador já começava a cair mas ainda estava em um patamar elevado quando comparado com o atual. Agora, já são cinco anos seguidos de queda. Mas há a expectativa de que, com a inflação sob controle, pelo menos parte das perdas na renda do trabalhador sejam recuperadas em 2004.

— O mercado de trabalho agora está em situação mais debilitada. Em 1999, com a mudança no câmbio, foram dissipadas incertezas sobre o modelo econômico — lembra Ramos.

Com a queda da renda do trabalhador nos últimos anos e sem sinais de pressão no câmbio para os próximos meses, os analistas estão otimistas com a inflação. A previsão é que os preços ao consumidor subam 6% no ano que vem. ■

• AS PROJEÇÕES EQUIVOCADAS DE 2003, na página 30